

COMBATENDO O TERRORISMO E A INSURREIÇÃO: MOLDANDO O AMBIENTE DE INTELIGÊNCIA

Major Norman Emery, Exército dos EUA;
Major Jason Werchan, Força Aérea dos EUA; e
Major Donald G. Mowles Jr., Força Aérea dos EUA.

É vamos deixar claro, nos próximos anos é provável que sejamos outra vez surpreendidos por novos adversários que também poderão atacar de maneiras inesperadas.

— Donald H. Rumsfeld¹

EM ISKANDARIYAH, no Iraque, aproximadamente 50 quilômetros ao sul de Bagdá, uma bomba explodiu numa delegacia de polícia, matando 50 iraquianos que tentavam uma vaga na nova força policial. As forças dos EUA conduziram operações para procurar e derrotar os responsáveis. Frequentemente, as forças dos Estados Unidos da América (EUA) conseguem encontrar, combater, capturar ou matar insurretos responsáveis por instigar ataques terroristas. No entanto, essa abordagem para desgastar a contra-insurreição não trata adequadamente da sua estratégia e nem dos seus efeitos secundários.

Com o ataque da delegacia de polícia, os insurretos iraquianos esperavam alcançar seus objetivos estratégicos de influenciar a percepção dos iraquianos a respeito de segurança, contribuir para o adiamento ou cancelamento das eleições livres, deslegitimar o governo interino iraquiano e desarticular o apoio doméstico à política norte-americana no Iraque. Esse cenário demonstra a limitação da doutrina combinada de operações de inteligência dos EUA ao tratar de uma nova abordagem para guerra. Atores não-estatais, como terroristas e insurretos, provavelmente serão a principal ameaça à segurança nacional dos EUA e aos seus interesses nos próximos anos. Devido ao fato de esses atores não serem capazes de confrontar diretamente os EUA no nível militar, eles precisam contar com a vantagem de inteligência para marginalizar as capacidades norte-americanas.

Na última década, diversos grupos terroristas de destaque demonstraram profundo conhecimento e uso coordenado de operações de inteligência. Suas habilidades em alcançar com sucesso os objetivos, moldando suas áreas de operações no ambiente de inteligência, associadas ao desejo de conduzir guerras não tradicionais, os tornam uma ameaça significativa para os EUA.

Embora o anteprojeto da *Joint Publication* (Publicação Combinada) JP 3-13, *Joint Doctrine for Information Operations* (Doutrina Combinada para Operações de Inteligência), apresente uma abordagem tradicional de operações de inteligência contra forças convencionais como a China e a Coreia do Norte, ela não leva muito em consideração as ameaças não-estatais, como terroristas e insurretos.² Atualmente, o Estado-Maior Combinado está atualizando a JP 3-13, com a incorporação da Política de Operações de Inteligência revisada pelo Departamento de Defesa em outubro de 2003, informalmente conhecida como o *IO Roadmap* (Diretrizes para as Operações de Inteligência)³ do Secretário de Defesa. Para alcançar o sucesso no novo ambiente de segurança, a Publicação Combinada 3-13 deve fornecer uma abordagem das operações de inteligência que melhor defina e molde as operações no ambiente de inteligência, para alcançar a vitória sobre os atores não-estatais no ambiente físico.

Ambientes de Segurança Atuais e Futuros

Os EUA estão enfrentando um ambiente de segurança drasticamente diferente do enfrentado antes de 11 de setembro de 2001. No passado, os adversários confrontavam o EUA com forças armadas convencionais, apoiadas pelas capacidades industriais do estado-nação. Hoje, um

único ator não-estatal ou grupo terrorista pode atacar a Nação e causar uma destruição incalculável.

A *Estratégia de Segurança Nacional dos EUA* define um novo ambiente de segurança, que inclui as organizações terroristas, os estados-nações e as organizações que os protegem: “Os EUA e os países que cooperam conosco não devem permitir que os terroristas desenvolvam novas bases domésticas. Juntos negaremos refúgio para esses grupos em todas as ocasiões.”⁴

O terrorismo tomou diversas formas depois de 11 de setembro de 2001, entretanto os EUA estão preocupados, em primeiro lugar, com terroristas que possuam uma capacidade de ataque global e cujo alcance global os torne intangíveis e difíceis de se definir ou engajar. Em resposta a esse novo ambiente de segurança, o secretário de defesa Donald H. Rumsfeld modificou a estratégia militar na *2001 Quadrennial Defense Review* (Revisão Quadrienal da Defesa de 2001) de uma abordagem baseada em ameaça para uma abordagem de capacidades, a fim de responder melhor às várias ameaças enfrentadas pelos EUA.⁵ Com a adoção dessa abordagem, os planejadores da defesa podem concentrar-se em como um inimigo em potencial poderá engajar os EUA, em vez de se preocuparem com quem é o inimigo ou onde ele atacará.

Doutrina Combinada de Operações de Inteligência

Diversos documentos fornecem instruções gerais da estratégia das Operações Combinadas de Inteligência, incluindo a *Publicação Combinada 3-13, Joint Vision* (Visão Combinada) *2010 e 2020*, e a publicação recente “*IO Roadmap* (Diretrizes para as Operações de Inteligência)”.⁶ A *Publicação Combinada 3-13* fornece orientação doutrinária para as operações de inteligência de forças combinadas. A *Visão Combinada 2010*, lançada em 1996, define as operações de inteligência como “ações realizadas para afetar a inteligência e sistemas de inteligência do adversário, ao mesmo tempo em que defendem a nossa própria inteligência e os nossos seus sistemas de inteligência”. A *Visão Combinada 2010* estabelece “uma visão de como os EUA irão operar em um futuro incerto” e indica precisamente o objetivo final para o controle da dimensão total da guerra.⁷

A superioridade de inteligência é um elemento-chave para o controle da dimensão total da guerra. A *Visão Combinada 2010* estabelece que a superioridade de inteligência mitigará os efeitos de desgaste e a confusão da guerra, defende a garantia de um fluxo de inteligência ininterrupto e ações não tradicionais. A *Visão Combinada 2020* acrescenta: “O desenvolvimento combinado de proliferação de tecnologias de inteligência mudará substancialmente a condução das operações militares. Essas mudanças no ambiente de inteligência fazem da superioridade de inteligência um elemento-chave da transformação das

capacidades operacionais da força combinada e da evolução de controle e comando combinados”.⁸

O *IO Roadmap* fornece orientação, no nível estratégico, para as operações de inteligência ao atual ambiente de segurança definido na última Revisão Quadrienal da Defesa e na Estratégia de Segurança Nacional. O anteprojeto atualizado da *Publicação Combinada 3-13* incorpora o *IO Roadmap* e a nova definição para as operações de inteligência do Departamento de Defesa: “O emprego integrado das capacidades específicas do núcleo de guerra eletrônica, rede de operações computadorizadas, operações psicológicas, dissimulação militar e operações de segurança,

A Visão Combinada 2010, lançada em 1996, define as operações de inteligência como “ações realizadas para afetar a inteligência e sistemas de inteligência do adversário, ao mesmo tempo em que defendem a nossa própria inteligência e os nossos seus sistemas de inteligência”.

de comum acordo com capacidades relacionadas e apoio específico, a fim de influenciar, romper, corromper, ou usurpar as capacidades de tomada de decisões humana e automatizada adversárias do inimigo, ao mesmo tempo em que protege as nossas próprias capacidades”.⁹ O *IO Roadmap* agrupa elementos das operações de inteligência nas seguintes categorias:

- ações fundamentais (guerra eletrônica, operações de redes computadorizadas, operações de segurança, dissimulação militar, operações psicológicas)
- ações de apoio (garantia de inteligência, segurança física, contra-inteligência, ataque físico)
- ações complementares (relações públicas, operações civil-militares).¹⁰

Embora a atual e experimental doutrina das operações de inteligência abranja muitos aspectos de guerra, a habilidade em lidar com o novo ambiente de segurança ainda precisa de um exame cuidadoso. A nova definição enfoca as operações de inteligência ofensivas contra o tomador de decisão adversário, ignorando que há muitos alvos valiosos no ambiente de inteligência que não são críticos para os tomadores de decisão. A definição de 1998 sobre operações de inteligência era tão genérica que “falava tudo e não dizia nada”.¹¹ A nova definição do anteprojeto é bem mais objetiva, limitando-se a abordar as operações de inteligência nas já mencionadas ações fundamentais (guerra eletrônica, operações de redes computadorizadas, operações de segurança, dissimulação militar, operações psicológicas).

A *Publicação Combinada 3-13* pouco define e aplica o conceito de superioridade de inteligência como se

aplicasse a um ator não-estatal. A superioridade de inteligência é um desequilíbrio nesse campo com respeito a um adversário. O poder de superioridade no campo da inteligência deve ser a primeira prioridade para os EUA, até mesmo antes de as hostilidades começarem. No entanto, tecnologia e equipamento superiores alimentam o orgulho e a autoconfiança em obter superioridade de inteligência sobre adversários mais fracos.

Um ator não-estatal pode possuir superioridade e vantagem de inteligência decisiva, devido ao fato de ser capaz de permanecer invisível no seu próprio ambiente, ainda assim ver as forças norte-americanas e escolher quando atacar. A superioridade de inteligência norte-americana pode ser limitada e passageira; suas forças devem reconhecer esse fator e tomar ação direta e indireta para reduzir a vantagem de inteligência e a eficiência operacional do adversário. A superioridade de inteligência no novo ambiente de segurança deve incluir o bloqueio de informações que poderiam ser úteis para um ator não-estatal, reduzindo as falhas das operações de segurança e as informações que a população possa fornecer.

Ambiente Físico versus Ambiente de Inteligência

Nada é mais importante na concepção da doutrina combinada das operações de inteligência no novo ambiente de segurança do que a compreensão do relacionamento entre os ambientes físico e de inteligência e como os EUA deveriam abordar as operações de inteligência contra um ator não-estatal. A Publicação Combinada 3-0, Doutrina para Operações Combinadas define o ambiente físico pelas dimensões de mar, terra, ar e espaço.¹² Os seres humanos vivem, respiram e andam no ambiente físico. Vêem, ouvem e tocam objetos reais.¹³ Os comandantes normalmente concebem e medem seus ganhos e perdas no ambiente físico pelas medidas de terreno, equipamento, forças e combates.

Segundo o anteprojeto *JP 3-13*, o ambiente de inteligência consiste nas informações que residem nas mentes, no mundo físico e no espectro eletromagnético.¹⁴ As fronteiras não ficam “limitadas ao campo de batalha linear que os comandantes militares concebem. As atividades no ambiente de inteligência moldam freqüentemente o entendimento de um comandante sobre a batalha e podem afetar profundamente as suas decisões no ambiente físico”.¹⁵ Por exemplo, a segurança fornecida por uma força para uma população é uma ação no ambiente físico, mas a percepção da população sobre essa segurança está no ambiente de inteligência. Os líderes e planejadores militares devem compreender que os domínios do ambiente físico e do ambiente de inteligência existem simultânea e separadamente nos campos de batalha. Os atores não-estatais operam principalmente no ambiente de inteligência para aumentar e valorizar suas vantagens. Os estados tendem

a operar no ambiente físico para alcançar seus objetivos. Os EUA devem adaptar a sua maneira de abordar o conflito, para maximizar seus resultados e diminuir os do adversário.

Outra característica chave do ambiente físico e do ambiente de inteligência é que “onde quer que ocorra fisicamente uma atividade humana, tal atividade também acontecerá simultaneamente na dimensão da inteligência”.¹⁶ Isso é importante para perceber os efeitos residuais das ações tomadas no ambiente físico que irão moldar o ambiente de inteligência. O anteprojeto *JP 3-13* falha por não tratar dos fatores que moldam o ambiente de inteligência, no qual operações militares são planejadas e executadas. Falha ainda por não reconhecer que o sucesso das operações depende de as forças dos EUA conquistarem e manterem a superioridade de inteligência.¹⁷ No entanto, as doutrinas de operações de inteligência, bem como as demais operações conduzidas anteriormente pelos EUA procuraram alcançar a vitória finita no campo de combate físico e ignorar os efeitos residuais concomitantes no campo de combate do ambiente de inteligência.

O anteprojeto atual da doutrina conjunta das operações de inteligência não explica nem enfatiza o ambiente de inteligência e a arte da sua aplicação contra os adversários dos norte-americanos. A chave para o preparo contra ameaças de segurança atuais, tais como atores não-estatais, está na arte e não apenas na ciência de operações de inteligência. A ciência das operações de inteligência pode ser a aplicação de sistemas e capacidades para apoiar o objetivo de afetar a tomada de decisão do adversário num momento específico no tempo e no espaço, enquanto “a arte concentra-se nos métodos e ações fundamentais associados com a sincronização do esforço militar” no ambiente de inteligência.¹⁸

O anteprojeto *JP 3-13* diz: “A arte operacional é o uso de forças militares para alcançar um objetivo estratégico através de planejamento, organização, integração e condução de estratégias, campanhas, operações e batalhas”.¹⁹ Para combater um ator não-estatal, cujas ações operacionais são planejadas para alcançar objetivos estratégicos, os EUA devem operar similarmente. Os planejadores norte-americanos devem aplicar todas as facetas da arte operacional no ambiente de inteligência e no ambiente físico. As operações de inteligência implicam mais do que apenas afetar o processo decisório do adversário, como proposto no anteprojeto; as ações militares coordenadas devem afetar o ambiente de inteligência como um todo.

Embora o anteprojeto da *JP 3-13* estabeleça o contexto conceitual e as operações militares relacionadas ao ambiente de inteligência, ele não trata da necessidade de moldar o ambiente em função das ações amigas ou adversárias no ambiente físico. Por possuírem uma vantagem de força sobre a maioria dos seus adversários, os EUA procuram seus objetivos e vitórias principais no ambiente



Departamento de Defesa

Polícia Iraquiana procura vestígios, após a explosão de um carro-bomba, próximo ao Hotel Al-Rasheed, Bagdá, em 4 de dezembro de 2004.

físico, por meio de ações de inteligência secundárias.

Por outro lado, os terroristas e insurretos, que carecem de poder militar, procuram alcançar os seus objetivos principais no ambiente de inteligência, por meio de ações físicas secundárias. Por não poderem combater uma força superior no ambiente físico, eles selecionam ações de grande repercussão (tais como explosões e ataques em pequena escala) no ambiente físico, para moldar o ambiente de inteligência, que já foi definido pela percepção das pessoas sobre os fatos. Tais ações seletivas podem ajudar os terroristas e insurretos a alcançarem seus objetivos no ambiente de inteligência e, finalmente, no ambiente físico. Dessa forma, um ator não-estatal pode evitar um combate decisivo com as forças norte-americanas, selecionando tempo e local mais vantajosos para os combates. Os atores não-estatais evitarão o confronto direto num campo de batalha no ambiente físico de um Estado, no entanto um ator estatal pode derrotá-los ao remodelar o ambiente de inteligência dos atores não-estatais.

Como Almejar a Vitória

A doutrina atual direciona as forças dos EUA para alcançarem uma vitória decisiva no ambiente físico, ao mesmo tempo em que usa o ambiente de inteligência para apoiar “objetivos e reduzir os custos de guerra”.²⁰ Embora as operações de inteligência dos EUA possam frequentemente afetar a percepção do adversário ou o desejo de lutar, os EUA normalmente contam com a vitória no ambiente físico para vencer a batalha, o que é uma estratégia típica

de militares com uma vantagem de força sobre a maioria dos seus adversários.²¹

A doutrina combinada instrui como afetar a tomada de decisão do adversário, a fim de influenciar favoravelmente os EUA e evitar que o adversário possa influenciar as forças dos EUA. Apesar de essa abordagem ser adequada contra adversários convencionais, tais como a Coreia do Norte, ela é inadequada para ameaças não-estatais, tais como terroristas e insurretos. Talvez os EUA entendam como moldar estrategicamente o ambiente de inteligência, entretanto no nível operacional contam freqüentemente com sua superioridade militar para alcançar a vitória no ambiente físico, negligenciando o uso eficiente e eficaz do ambiente de inteligência.

Como os Terroristas e Insurretos Almejam a Vitória

Os terroristas e insurretos adotam uma abordagem muito diferente para alcançar a vitória através do uso de uma complexa estratégia de operações de inteligência. Eles desenvolvem o campo de batalha do ambiente de inteligência por causa dos benefícios obtidos dos seus efeitos residuais. Em *The Terrorist Approach to Information Operations* (A Abordagem Terrorista às Operações de Inteligência) Norman Emery e Rob Earl dizem: “Terroristas atuam no ambiente físico não para obter ganhos táticos, mas sim para travar uma batalha estratégica no ambiente de inteligência; dessa forma o ambiente físico possibilita que muitas atividades ocorram no ambiente de



Figura 1: Modelo do Processo de Influência McCormick.

inteligência”.²²

A figura 1 mostra o modelo que a maioria dos terroristas segue para alcançar seus objetivos influenciando indiretamente o tomador de decisão.²³ O processo aplica-se para insurreições selecionadas. Os quatro passos e as três ordens de efeitos do modelo iniciam-se com um atentado ou ataque no ambiente físico os quais são informados pela mídia ou pela população. As interpretações podem moldar as percepções de um povo ou governo no ambiente de inteligência. Os terroristas com isso determinam as ações subsequentes no ambiente físico, dependendo do grau de sucesso no ambiente de inteligência. Uma vez desenvolvidas, as percepções podem durar dias, meses ou até mesmo décadas e são difíceis de serem modificadas.

O modelo demonstra que uma ação específica no ambiente físico produz efeitos residuais e oferece uma abordagem às forças norte-americanas para interditar o ambiente de inteligência do adversário, para reduzir ou reverter a eficiência das ações do ambiente físico. Portanto, qualquer operação que elimine atores não-estatais e suas influências deve também empregar forças operacionalmente, a fim de reagir contra o efeito potencial estratégico e os resultados de operações não-estatais anteriores. É importante adotar medidas eficazes contra as ações adversárias, atuais e anteriores, no ambiente de inteligência e não apenas travar a guerra de desgaste no ambiente físico. O ajuste do ambiente de inteligência não significa meramente negar as informações aos tomadores

de decisões adversários; mas impedir que obtenham os resultados desejados.

A grande diferença entre o que é a doutrina atual dos EUA e o que ela deveria ser está na sua abordagem do conflito. À medida que as forças dos EUA anulem a habilidade de um Estado inimigo de tomar uma decisão, elas estão moldando o ambiente de inteligência inimigo. Os EUA talvez não sejam capazes de afetar a habilidade de um Estado inimigo de tomar uma decisão se este mantiver uma vantagem de inteligência, no entanto podem afetar os seus resultados no ambiente de inteligência, isto é, seu campo de batalha. Enquanto os EUA conceberem todas as vitórias no ambiente físico, através do engajamento decisivo em vez de ações prolongadas no ambiente de inteligência, talvez não alcancem o sucesso tão rapidamente. Se os EUA ajustarem a sua abordagem para os conflitos não-estatais, poderão superar insurretos e terroristas em seu próprio jogo e em seu próprio campo de batalha, contudo isso exige uma nova abordagem do conflito moderno.

A Arte das Operações de Inteligência

As figuras 2 e 3 ilustram a abordagem militar atual dos EUA para os conflitos estatais e não-estatais, o que funciona bem quando se combate um adversário estruturado similarmente, como a Coreia do Norte ou o Iraque, em guerra convencional linear. A figura 2 mostra ações de

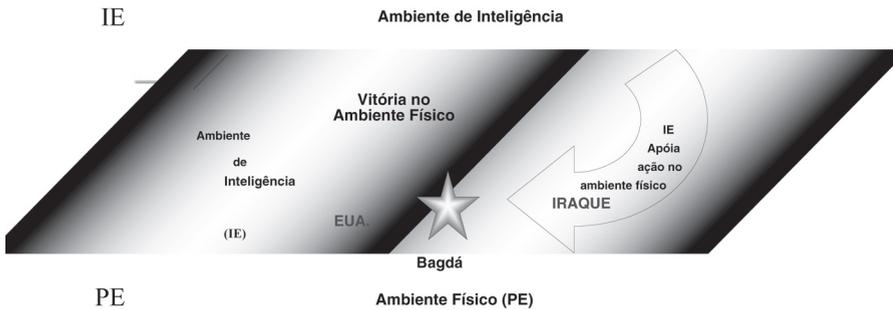


Figura 2. Aplicação das Operações de Inteligência em Conflito Convencional.

força convencional no ambiente de inteligência, tais como campanhas de operações psicológicas, guerra eletrônica, dissimulação e operações de segurança, apoiadas por mensagens da mídia e operações civil-militares para alcançar a vitória no ambiente físico.

O problema da abordagem na figura 2 é que não funciona contra os atores não-estatais, tais como terroristas e insurretos, que operam em um modelo de campo de batalha diferente. A figura 3 representa o esquema do atentado a uma delegacia de polícia iraquiana e mostra como forças estatais e não-estatais podem operar em diferentes campos de batalha, com a força não-estatal ganhando uma vantagem de longo prazo.

As forças dos EUA conduzem operações no ambiente físico para derrotar ou deter insurretos iraquianos responsáveis por uma série de atentados; no entanto isso é apenas uma parte da área de operações dos insurretos, pois eles moldaram o ambiente de inteligência com efeitos residuais de ataques anteriores. Os ataques aos iraquianos que apóiam os programas norte-americanos perpetuam a insegurança na população temerosa, percepção esta que não se dissipa com as poucas vitórias das forças dos EUA contra os insurretos. A percepção alcança audiências no ambiente de inteligência, o que acaba apoiando o objetivo estratégico dos insurretos no ambiente físico, como o cancelamento forçado das eleições pela ONU ou a retirada prematura dos EUA.

Para vencer, os EUA devem entender e empregar a arte e a ciência das Operações de Inteligência. Também devem compreender

que, quando suas forças reagem negativamente e arrombam portas em batidas de surpresa noturnas, eles estão contribuindo para que o inimigo melhore o seu próprio ambiente de inteligência. Tais ações dos americanos poderão irritar e alienar os cidadãos iranianos e fazer com que estes deixem de cooperar com os EUA e comecem a apoiar ativamente os insurretos. De fato, uma parte da população apóia silenciosamente os insurretos, os quais mantêm ou aumentam sua vantagem no ambiente de inteligência.

Os efeitos que os insurretos obtêm no ambiente de inteligência são comparáveis às ondulações de um lago causadas quando se joga uma grande pedra. Muito depois de a pedra atingir o fundo, os efeitos residuais expandem-se para todas as direções, são difíceis de serem parados e, finalmente, batem contra as margens do lago. A atual estratégia contra-insurreição dos EUA concentra-se no respingo da pedra (o ambiente físico), e não o suficiente para deter as ondulações (o ambiente de inteligência) antes de atingirem a margem – o objetivo estratégico do inimigo no ambiente físico.

Recomendações

Os editores do próximo anteprojeto *JP 3-13* deveriam levar em consideração as recomendações dos parágrafos seguintes, com o intuito de aperfeiçoar a habilidade militar dos EUA para enfrentar as ameaças não-estatais.

A definição doutrinária das operações de inteligência

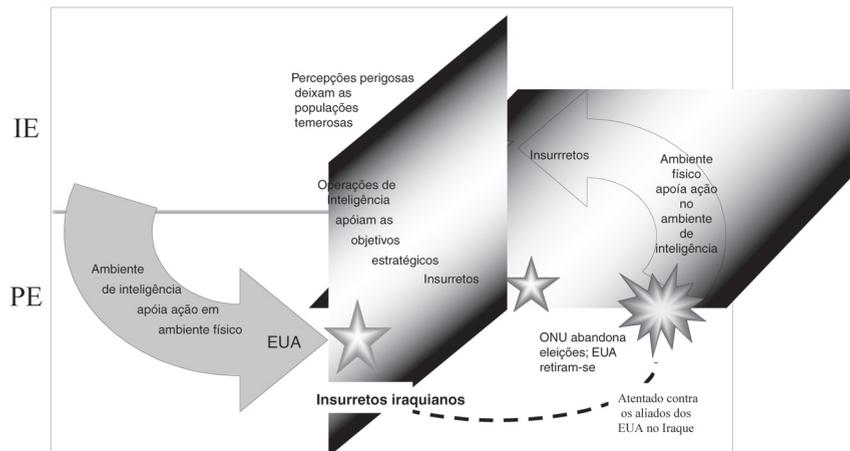


Figura 3: Estratégia para conflito não-estatal.

IE - ambiente de inteligência
PE - Ambiente físico

precisa ser modificada para melhor refletir as operações no ambiente de inteligência. A definição das operações de inteligência proposta no anteprojeto *JP 3-13* restringe o que podemos realizar, ao limitar quais as capacidades que podemos utilizar. As operações de inteligência são os efeitos desejados, e não apenas as ferramentas para conseguir esses efeitos. A nova definição deveria enfatizar o uso de todas as capacidades disponíveis no espectro das operações para afetar o ambiente de inteligência, em vez de se concentrar unicamente na capacidade de tomada de decisão do adversário no ambiente físico. A definição de operações de inteligência que recomendamos é a seguinte: “O emprego oportuno de capacidades específicas, a fim de influenciar, romper, corromper ou usurpar o ambiente de inteligência e a tomada de decisão do adversário, ao mesmo tempo em que protegemos os nossos”.

A próxima recomendação é enfatizar as operações de inteligência, com a finalidade de influenciar e obter superioridade de inteligência. Os EUA devem acabar com a idéia de que a superioridade de inteligência é parte inerente da superioridade de combate. A força mais poderosa nem sempre pode ter superioridade de inteligência ou a habilidade de influenciar diretamente os tomadores de decisão adversários para moldar o ambiente de inteligência. Para alcançar superioridade de inteligência, a doutrina das operações de inteligência deveria destinar ações no ambiente de inteligência para aperfeiçoar os objetivos dos EUA contra atores não-estatais que contam com o ambiente de inteligência como seu campo de combate principal.

Nós também recomendamos a ênfase na arte das operações de inteligência como um dos conceitos centrais das operações de inteligência ofensivas. A comunidade combinada tem uma oportunidade fundamental de moldar uma nova abordagem da guerra, destinando ações e efeitos no ambiente de inteligência, e não apenas

no ambiente físico, a fim de aperfeiçoar os efeitos contra atores não-estatais que contam com o ambiente de inteligência como seu campo de combate principal.

Por último, recomendamos que a doutrina das operações de inteligência modifique sua abordagem de ameaças não-estatais, conduzindo ações identificadoras, corretivas e conclusivas no ambiente físico, ao mesmo tempo em que molda os efeitos residuais de ações anteriores no ambiente de inteligência. Os efeitos residuais de um adversário podem persistir de ações anteriores no ambiente de inteligência, após alguma ação no ambiente físico. Para se opor a isso, a doutrina de operações de inteligência dos EUA deveria adotar uma abordagem duplamente simultânea contra as ameaças não-estatais, através de ataques físicos e também do rompimento e minimização de suas influências atuais e anteriores no ambiente de inteligência (figura 4).

O anteprojeto *JP 3-13* menciona brevemente os princípios que apoiariam essa abordagem dupla, mas não o enfatiza como um conceito fundamental e diz que o enfoque das operações de inteligência ofensivas é afetar diretamente as informações, para causar indiretamente problemas para os tomadores de decisão, “realizando ações psicológicas, eletrônicas ou físicas específicas a fim de acrescentarem, modificarem ou removerem as informações do ambiente de vários tomadores de decisão”.²⁴ Essa abordagem simultânea reduz a eficácia operacional e apoio dos atores não-estatais, forçando-os a diminuir as operações ou se arriscarem mais em suas atividades, aumentando, dessa forma, sua exposição à derrota no ambiente físico.

Triunfando no Ambiente de Segurança

A atual publicação ou anteprojeto da doutrina combinada de operações de inteligência não trata suficientemente dos conflitos não-estatais que os EUA enfrentam atualmente. Para triunfar no novo ambiente de segurança, o novo *JP 3-13* deve definir melhor as adaptações das operações e do ambiente de inteligência, a fim de possibilitar vitórias decisivas no ambiente físico. Os comandantes e planejadores militares devem compreender que, enquanto os domínios do ambiente físico e ambiente de inteligência coexistirem, eles serão espaços de combate separados. Os atores não-estatais operam

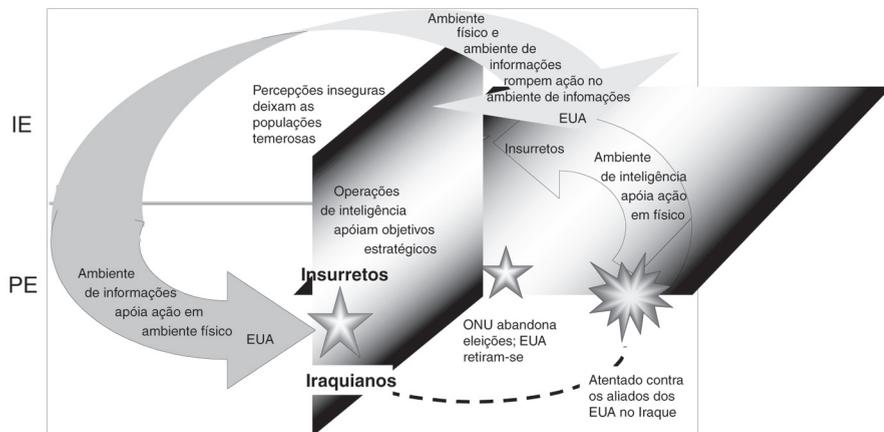


Figura 4. Estratégia para conflito não-estatal

principalmente no ambiente de inteligência para promover suas vantagens, enquanto os EUA escolhem frequentemente manter sua vantagem de força no ambiente físico.

O combate contra os atores não-estatais, como terroristas e insurretos, exige uma compreensão dos efeitos residuais de ganhos e perdas no ambiente de inteligência, baseada nas ações no ambiente físico. As conseqüências (criação de um ambiente de terror) dos efeitos residuais no ambiente de inteligência, resultantes das ações no ambiente físico, são bem maiores do que os resultados físicos do ato (mortes num atentado). Para combater esses efeitos residuais, os EUA deveriam procurar moldar favoravelmente o ambiente de inteligência, conduzindo simultaneamente operações identificadoras, corretivas e conclusivas no ambiente físico, ao mesmo tempo em que ajustam os efeitos residuais no ambiente de inteligência das ações amigas e adversárias, atuais e passadas, no ambiente físico.

O ajuste do ambiente de inteligência requer uma nova maneira de pensar e uma nova abordagem da guerra pelo estado-maior, com planejadores e comandantes concebendo os conflitos não-estatais diferentemente dos conflitos

tradicionais. As forças armadas não deveriam continuar abordando inadequadamente essa dinâmica tão importante nas guerras atuais e futuras. Os planejadores não devem buscar efeitos imediatos no ambiente de inteligência, porque os resultados são lentos e difíceis de quantificar. As operações militares nem sempre produzem efeitos tangíveis, visíveis ou imediatos. Ao moldar o ambiente de inteligência, as forças militares podem afetar o tomador de decisão inimigo, influenciando o seu ambiente sem modificar sua percepção ou decisão.

Essa batalha de idéias exige mais inteligência do que força. As forças armadas podem alcançar tudo isso usando a ciência das operações de inteligência para se concentrarem na tomada de decisão no ambiente físico e usando a arte das operações de inteligência para moldarem o ambiente de inteligência. Essa sincronização alcança a vitória no ambiente físico e produz resultados no ambiente de inteligência (referindo-se às ações atuais e anteriores no ambiente físico). Enquanto as operações de inteligência dos EUA orientarem unicamente a vitória no ambiente físico, os EUA não poderão combater nem derrotar, com sucesso, as muitas ameaças nesse atual ambiente instável de segurança. **MR**

Referências

1. Secretário de Defesa dos EUA Donald H. Rumsfeld, *Joint Operations Concepts* (Conceitos de Operações Combinadas) (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], Novembro de 2003).
2. Chefe do Estado-Maior Conjunto (*Joint Chiefs of Staff - JCS*), *Joint Publication (JP) 13, Joint Doctrine for Information Operations* (Washington, DC: GPO, 1998).
3. "IO Roadmap (Diretrizes para as Operações de Inteligência)" do Ministério da Defesa dos EUA, Washington, D.C., outubro de 2003.
4. A Casa Branca, *National Security Strategy of the United States* (Estratégia de Segurança Nacional dos EUA) (Washington, D.C.: GPO, 2002).
5. Ministério da Defesa, *Quadrennial Defense Review* (Revisão Quadrienal da Defesa) (Washington, D.C.: GPO, 30 de setembro de 2001).
6. JP 3-13; JCS, *Joint Vision 2010* (Washington, D.C.: GPO, 1996); *Joint Vision 2020* (Washington, D.C.: GPO, 2000), 28; *IO Roadmap*.
7. *JV 2010*.
8. *JV 2020*, 3.
9. JP 3-13 (anteprojeto), 1-6.
10. "IO Roadmap"
11. Edwin Armistead, editor, *Information Operations: The Hard Reality of Soft Power* (Operações de Inteligência: A Dura Realidade do *Soft Power*) (Washington, D.C.: National Defense University, 2002).
12. JP 3-0, *Doctrine for Joint Operations* (Washington, D.C.: GPO, 2001).
13. Rob Earl and Norman Emery, *Terrorist Approach to Information Operations* (Abordagem Terrorista de Operações de Inteligência) (Monterey, Califórnia: Naval Postgraduate School, 2003).
14. JP 3-13 (anteprojeto), pp. 1-2.
15. Earl e Emery, p. 19.
16. JP 3-13 (anteprojeto), pp. 1-2.
17. *Ibid.*, 1-4, 1-5.
18. *Ibid.*, 1-10.
19. *Ibid.*
20. Earl e Emery, p. 44.
21. Janos Radvanyi, editor, *Psychological Operations and Political Warfare in Long-Term Planning* (Operações Psicológicas e Guerra Política em Planejamento de Longo-Prazo) (Nova York: Praeger Publishers, 1990), p. 121.
22. Earl e Emery, p. 44.
23. *Ibid.*, pp. 11-12.
24. JP 3-13 (anteprojeto), 1-9.

O Major Norman Emery executa as funções de planejador da Área Funcional 30 das Operações de Inteligência junto às Forças Multinacionais — Iraque. Ele é Bacharel pela Illinois State University, Mestre pela Naval Postgraduate School, e graduado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA e pela Escola de Estado-Maior das Forças Combinadas. Ele desempenhou várias missões de comando e estado-maior na 3ª Divisão de Infantaria, 101ª Divisão Aeroterrestre, 229ª Batalhão de Inteligência Militar e Comando de Operações Especiais. Seu artigo Information Operations in Iraq foi publicado na edição de maio-junho de 2004 da Military Review. Para contatos: Norman.emery@us.army.mil.

O Major Jason Werchan é atualmente instrutor do Componente da Força Aérea na Escola de Comando e Estado-Maior no Forte Leavenworth, Kansas. Ele é Bacharel pela Texas A&M, Mestre pela Oklahoma University e graduado pela Escola de Estado-Maior das Forças Combinadas.

O Major Donald G. Mowles Jr. serve atualmente como chefe da Equipe de Ataque de Míssil Balístico Intercontinental, Divisão de Planos de Combate, Comando Estratégico dos EUA, Base Aérea Offut, em Nebraska. É Bacharel pela Arkansas State University, Mestre pela Central Michigan University e graduado pela Escola de Estado-Maior das Forças Combinadas.